



Organizadoras
Luciana Saddi
Maria de Lurdes S. Zemel

MACONHA

Os diversos aspectos, da história ao uso

Blucher

MACONHA

*Os diversos aspectos,
da história ao uso*

Organizadoras

Luciana Saddi

Maria de Lurdes S. Zemel

Maconha: os diversos aspectos, da história ao uso

© 2021 Luciana Saddi e Maria de Lurdes S. Zemel (organizadoras)

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por

quaisquer meios sem autorização escrita da

editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação

na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Saddi, Luciana

Maconha: os diversos aspectos, da história ao uso / organização de Luciana Saddi, Maria de Lurdes de Souza Zemel. – 1. ed. – São Paulo: Blucher, 2021.

184 p. il.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-065-2 (impresso)

ISBN 978-65-5506-064-5 (eletrônico)

1. Psicanálise. I. Título. II. Zemel, Maria de Lurdes de Souza.

20-0489

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Agradecimentos	9
Apresentação	13
Prefácio	17
1. As famílias e o uso de maconha <i>Silvia Brasiliano</i>	21
2. O uso da maconha por adolescentes: entre prazeres e riscos, “o barato que sai caro!” <i>Maria Fátima Olivier Sudbrack</i>	29
3. O uso da maconha e a prevenção <i>Maria de Lurdes de Souza Zemel</i>	45
4. Vulnerabilidade no uso da maconha <i>Marcelo Sodelli</i>	51
5. Maconha e vulnerabilidades sociais: o que sabemos? <i>Eroy Aparecida da Silva, Yone Gonçalves de Moura</i>	63

6. Redução de danos, maconha e outros temas polêmicos	73
<i>Vera Da Ros</i>	
7. A questão legal	87
<i>Luís Francisco Carvalho Filho</i>	
8. O uso terapêutico dos canabinoides: novas perspectivas e informações clínicas	97
<i>Dartiu Xavier da Silveira Filho, Rodrigo Nikobin</i>	
9. Os usos terapêuticos da maconha	113
<i>Renato Filev</i>	
10. Os usos religiosos e espirituais da <i>Cannabis</i>	129
<i>Edward MacRae</i>	
11. A internação em caso de dependência de maconha	139
<i>Valéria Lacks</i>	
12. A polêmica psicose canábica	145
<i>Marta Ana Jezierski</i>	
13. Maconha: origem e trajetória	159
<i>Lilian da Rosa</i>	
14. A questão econômica	169
<i>Taciana Santos de Souza</i>	

1. As famílias e o uso de maconha

Silvia Brasileiro¹

A família é a matriz psíquica para o desenvolvimento afetivo dos seus descendentes. O vínculo inicial mãe-filho é fundamental para a estruturação da personalidade. O padrão de atitudes dos pais está relacionado ao ambiente sociocultural no qual eles estão inseridos e vai definir o papel de seus membros, bem como estabelecer as bases de sua interação. Ao longo do tempo, a família passa por inúmeras fases próprias de seu desenvolvimento e maturação. Essas fases constituem-se como crises, que podem levar ao crescimento e à transformação ou ser a base para conflitos e estagnação. Entre as crises vitais, temos o nascimento dos filhos, a adolescência, a saída dos jovens de casa, o envelhecimento dos pais e a morte.

A adolescência costuma ser um período muito intenso. É uma fase de reorganização emocional marcada por profundas

1 Psicanalista, doutora em Ciências pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Coordenadora do Programa da Mulher Dependente Química (Promud), do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP. Sócia fundadora da Associação Brasileira Multidisciplinar de Estudos sobre Drogas (ABRAMD) e membro da diretoria nos biênios 2005-2007 e 2007-2009.

mudanças com vista à construção de uma identidade independente. Os pais estão se preparando para perder a sua criança, e o filho está se preparando para ingressar no mundo adulto. Para isso, é necessário o afastamento do núcleo familiar, intensificando-se a relação com os amigos. Os adolescentes contestam os pais e assumem características próprias de sua geração: modos de falar, jeitos de se vestir, lugares para ir e objetos a consumir.

Atualmente, é estreito o relacionamento entre a adolescência e o uso de drogas, principalmente o álcool e a maconha. Nem sempre foi assim, mas a constatação de que os jovens fumam maconha com mais frequência hoje não é desconhecida de ninguém. Essa realidade tem mobilizado nas famílias uma angustiada preocupação, que promove uma saudável conscientização do problema, mas, ao mesmo tempo, inúmeras vezes é transformada em terror, dando margem ao alarmismo, às soluções miraculosas ou mesmo extremas.

Se este cenário social aumenta a curiosidade e pode favorecer a experimentação, sabemos, por outro lado, que nem todos os jovens vão se tornar abusadores ou dependentes de maconha. A intensificação do uso está relacionada com muitos fatores, sendo os mais importantes os individuais, de personalidade e os familiares. É essencial ter claro que, embora o ambiente familiar não possa ser considerado causa, ele tem influência no uso de drogas e pode constituir fator de proteção ou de risco para o desenvolvimento e a manutenção dos quadros aditivos.

É fator de proteção para o uso de drogas um ambiente saudável, em que os pais estejam ativa e afetivamente envolvidos com os filhos. Estar presente e estabelecer regras e limites claros são atitudes que ajudam o adolescente em seu processo de amadurecimento e escolhas de vida.

O filho vai tomar os pais como exemplo e repetir os modos como eles lidam com o mundo. Aqui vale a máxima: independentemente do que falamos, é o que fazemos que os filhos vão tomar como modelo. Em famílias em que todas as soluções vêm de fora e se costuma resolver os problemas sempre consumindo coisas, o uso de drogas pode se tornar uma consequência natural.

F. cresceu em uma família organizada, mas sempre muito ansiosa com a vida, o trabalho, as finanças e os relacionamentos. Sua mãe vivia preocupada, e quando estava “nervosa” comia demais, até o ponto de se tornar muito obesa. O pai resolvia suas fases difíceis comprando carros. “Um veículo novo sempre acalma e torna a vida mais feliz”, dizia ele. Quando F. tinha 13 anos, experimentou maconha e passou a usá-la regularmente. Quando perguntado, disse que relaxava muito e que a droga o ajudava a ser menos tímido nas relações pessoais.

Muitas vezes os pais, no intuito de proteger e tornar mais felizes seus filhos, evitam todo e qualquer sofrimento e resolvem todos os seus problemas. Ao longo do tempo, esse modo de agir, ao contrário do que se pensa, não ajuda o desenvolvimento. A permissividade excessiva e a ausência de limites claros não permitem que os filhos cresçam acreditando em suas capacidades para superar obstáculos e criar soluções para as suas dificuldades. A infantilização pode ser um fator de risco importante para o uso de drogas.

G. sempre foi desatento e arteiro e tinha muitas dificuldades na escola. Quando tinha 9 anos, os pais foram chamados porque no recreio ele tinha ferido gra-

vemente um colega com uma tesoura: houve uma briga, pois o amigo não queria brincar do que G. queria. A coordenadora disse que ele não tinha mais condições de permanecer na escola. Os pais ficaram revoltados; achavam que tudo não passava de uma brincadeira de criança. Ao filho, mentiram, dizendo que iriam mudá-lo para uma escola melhor. Quando chegou ao consultório, com 16 anos, G. tinha sido pego vendendo maconha para seus colegas durante uma aula. Ele estava frequentando uma outra escola, a terceira nos últimos anos.

A descoberta de que o filho está usando maconha é sempre uma situação de alarme, que pode gerar reações impensadas, impulsivas e agressivas. A princípio, é importante não entrar em pânico e ter calma. Não adianta nada tentar conversar com alguém intoxicado. Para que um diálogo produtivo se estabeleça, é necessário que pais e filhos estejam em condições de pensar e buscar a forma mais adequada de atuar. Embora não existam regras, podemos tecer algumas considerações sobre as atitudes mais comuns.

1. *Confundir ilegalidade com gravidade*: de forma geral, quase sempre reagimos diferentemente quando alguém está usando maconha do que quando está bebendo. Embora o adolescente possa ser muito jovem e inexperiente, o álcool é visto como normal, e a maconha como profundamente perturbadora – “Meu filho se envolveu com drogas!”, pensam os pais. Entretanto, tanto o álcool como a maconha (bem como o tabaco, a cocaína, os calmantes, entre outros) são substâncias psicoativas, ou seja, que interferem no funcionamento cerebral. Ambas são drogas! No Brasil, a maconha é ilegal, e o álcool, embora de consumo proibido para menores de 18 anos, é legal. Essa é a diferença entre as duas drogas. Se é claro

que devemos estar atentos a qualquer uso de substância (há pessoas que têm alergia à penicilina, por exemplo), beber é um hábito que frequentemente tem consequências imensamente mais graves do que fumar maconha.

2. *Confundir usuário com criminoso*: como fumar maconha é ilegal, muitos pais pensam imediatamente que o filho está envolvido com o crime e se transformou em marginal. Entretanto, o fato de cometermos atos infracionais não nos transforma em criminosos. Quase todo mundo já ultrapassou um farol vermelho, parou em lugar proibido ou tomou uma multa no trânsito! Nenhuma droga sozinha pode ser responsabilizada pelo comportamento criminoso. A criminalidade é multideterminada, e o uso de drogas pode facilitar a manifestação de sentimentos e atitudes que são individuais, dentro de determinado contexto social.

3. *Mentir*: deve-se ter muito cuidado com as informações que temos. Muitas vezes, a mídia divulga como verdade fatos que carecem de confirmação. A chamada “epidemia de crack”, por exemplo, é uma dessas situações. É comum que os adolescentes conheçam bastante sobre maconha; suas informações costumam ser corretas, embora muitas vezes possam estar superdimensionadas. Quando os pais se propõem a conversar, devem estar munidos de conhecimentos claros, fundamentados e científicos. Não adianta dizer para o seu filho que “a maconha queima neurônios” se o amigo dele fuma e continua pensando e agindo normalmente. Há sites, livros e profissionais que podem fornecer dados sobre o que é a maconha, seus efeitos e as consequências que seu uso pode acarretar.

4. *Focar na droga*: nas conversas mais acaloradas, os pais dedicam muito tempo falando sobre a maconha. “A maconha faz você ficar abobado”, “Daqui a pouco você vai estar fumando crack”, “Você pode se matar” são frases comuns. Mas, enquanto se fala sobre a droga, dá-se pouco espaço para compreender o que está

acontecendo com o consumidor. Como ele está? Tem algum problema sério? Como aconteceu a experimentação? Pode ser que o adolescente não responda imediatamente a todas essas questões, mas essa deve ser a preocupação dos pais.

5. *Tomar o filho como drogado*: existem muitas maneiras de usar maconha, e, antes de tomar qualquer atitude, é preciso avaliar, ou seja, conhecer como aquele jovem a usa. Se parece óbvio que existe uma grande diferença entre aquele que fumou na praia nos feriados e o outro que fuma todo dia antes de ir para a aula, nem sempre isso é assim tão claro quando se trata do “nosso filho”. O tipo de relação que se estabelece com a droga é o elemento que vai definir a gravidade do que acontece, e as medidas que vão ser tomadas dependem de quão comprometida é a situação.

6. *Confrontar*: muitos pais imaginam que confrontar o filho com todos os seus comportamentos vai intimidá-lo e, assim, ele vai parar de fumar maconha. Embora os pais possam ficar tentados a dizer “todas as verdades”, devemos lembrar que acusações geram defesas! É comum que os usuários neguem ou minimizem o uso de drogas, pelo menos inicialmente. Humilhar, culpabilizar, amedrontar só vai fazer com que o jovem fique acuado e esconda ainda mais o que acontece. Uma atitude firme, calorosa e de aproximação pode facilitar a troca. Os pais devem sempre deixar clara sua posição e sua não concordância sobre o uso de maconha e lembrar que conhecer não é julgar. Dar limites, orientar e apoiar o filho estabelece um relacionamento muito mais produtivo.

7. *Tomar atitudes extremas*: muitos pais reagem impulsivamente, o que tem consequências sérias para os filhos e para eles mesmos.

B. foi procurar ajuda porque não conseguia parar de fumar maconha. Era uma jovem triste, que não con-

fiava em si mesma. Tinha poucas relações e não se achava capaz de fazer alguém feliz. Quando tinha 14 anos, os pais descobriram que ela estava fumando maconha. Em algumas semanas e sem aviso prévio, mudaram de bairro e os filhos, de escola. Os irmãos reagiram muito mal e passaram a culpar B. por terem perdido a turma e os amigos. Um deles, inclusive, ficou sem falar com ela por um ano. Até hoje ela se sente culpada pelos problemas que os irmãos tiveram.

Mudar de casa, afastar o filho da escola ou do seu grupo de amigos são atitudes drásticas que, geralmente, trazem mais problemas que benefícios. A maconha existe na cidade toda, e as chamadas “más companhias” não são responsáveis pelo uso individual. O mesmo motivo que leva pessoas que fazem esportes a conviver com jogos e atletas é válido para quem usa drogas. Se eu fumo maconha, é muito natural que esteja com pessoas e frequente lugares onde o uso seja permitido e incentivado. Existem casos em que, apesar de todas as tentativas, o jovem recusa-se a conversar, tratar-se, ou continua usando maconha cronicamente. A família fica paralisada, sentindo-se impotente, e, muitas vezes, todos se descontrolam e ficam muito violentos. Quando os pais não sabem o que fazer, devem buscar ajuda especializada. Dessa forma, podem ser escutados e orientados sobre as formas de abordagem e sobre o que estão fazendo que pode estar dificultando ou mesmo mantendo o uso da maconha. Além disso, ao procurar ajuda, os pais mostram que reconhecer fragilidades é uma atitude adulta e madura. Crianças são levadas ao pediatra, não vão sozinhas ao médico! Pais que vão ao tratamento mostram ao jovem que têm problemas com o abuso de maconha, que estão dispostos a participar do seu processo e comprometidos com a vida do filho.

Enfim, é necessário compreender e se aproximar da pessoa que está usando drogas. Se a maconha pode ser só uma experiência passageira, seu uso crônico leva ao sofrimento. Não há culpados! Existem responsabilidades que devem ser cuidadas.

Referências

- JACOBINA, R. R.; NERY FILHO, A. *Conversando sobre drogas*. Salvador: EDUFBA, 1999.
- MEYER, M. et al. *Guia para a família: cuidando da pessoa com problemas relacionados ao álcool e outras drogas*. São Paulo: Atheneu, 2004.
- ZEMEL, M. L. S.; SADDI, L. *Alcoolismo*. São Paulo: Blucher, 2015. (Série O que fazer?)

O direito à informação e à reflexão é um dos grandes valores deste livro, que apresenta textos de muita qualidade, de autores brasileiros, sobre as diversas perspectivas que o debate sobre a maconha pode gerar.

Com linguagem acessível, é uma leitura que lança bases consistentes para a prevenção, o tratamento e o desenvolvimento de políticas públicas no campo das drogas na sociedade brasileira.

Na contracorrente de um discurso banalizado e preconceituoso sobre a questão das drogas, a obra mostra os verdadeiros riscos que o consumo apresenta, o uso terapêutico da *Cannabis* e as implicações de sua entrada no mercado, as origens históricas que contextualizam o sentido da maconha em cada época e cultura, os usos religiosos, a relação com a lei, além de uma cuidadosa análise sobre os efeitos das políticas proibitivas e suas diferenças para os programas não punitivos e não coercivos.

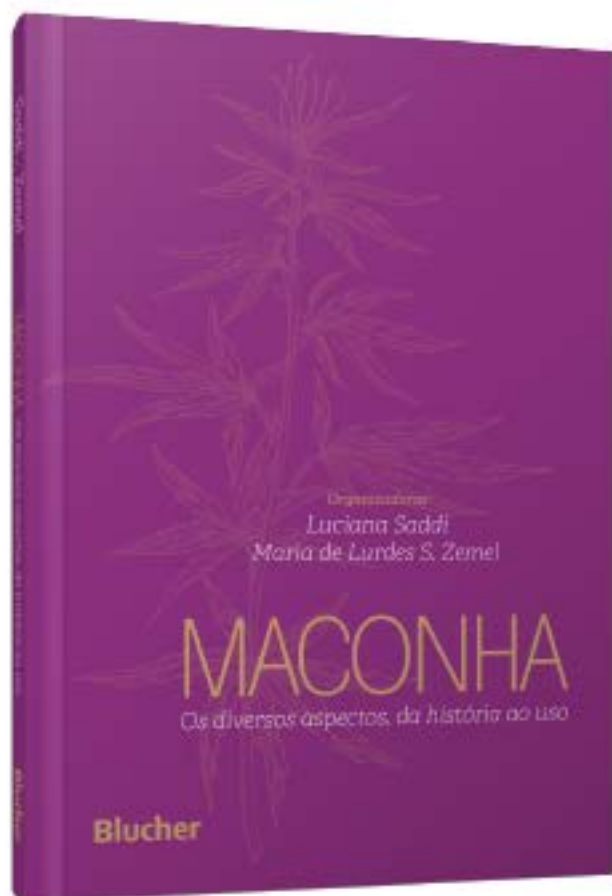
Magda Guimarães Khouri

Psicanalista e diretora de Atendimento à Comunidade (2017-2020) da SBPSP



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Maconha

Os diversos aspectos, da história ao uso

Luciana Saddi, Maria de Lurdes de Souza Zemel

ISBN: 9786555060652

Páginas: 184

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2021
